

Resenha:

Analyse du discours et comparaison: enjeux théoriques et méthodologiques

Review:

Analyse du discours et comparaison:
enjeux théoriques et méthodologiques

Michele Pordeus Ribeiro 

Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3, Paris, France

michelepordeus@yahoo.fr

<https://orcid.org/0000-0003-1334-7946>



* Recebido em: 31/05/2022 | Aprovado em: 20/06/2022

LINHA D'ÁGUA

Todo conteúdo da *Linha D'Água* está sob Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0.

O livro *Analyse du discours et comparaison: enjeux théoriques et méthodologiques* [Análise do Discurso e comparação: questões teóricas e metodológicas] é uma obra coletiva organizada pelas professoras e pesquisadoras Sheila Vieira de Camargo Grillo (Universidade de São Paulo, Diálogo GP/CNPq/USP), Sandrine Reboul-Touré (Université Sorbonne nouvelle – Paris 3, *Clesthia*) e Maria Glushkova (Universidade de São Paulo, Diálogo GP/CNPq/USP). Além da introdução, assinada pelas organizadoras e por Flávia Silvia Machado (Université Paris Nanterre, CRILUS), a obra reúne doze contribuições de autores vinculados a instituições universitárias e de pesquisa no Brasil, na França e na Rússia, que, a partir de *corpora* diversos, opções teóricas e categorias de análise compartilhadas ou não, dedicam-se a examinar o papel da comparação para a descrição, compreensão e interpretação dos discursos.

A obra, publicada pela editora acadêmica internacional Peter Lang, é também o resultado de intercâmbios fecundos entre estudiosos da área da Análise do Discurso que integram (ou integraram) os seguintes centros acadêmicos e de pesquisa: o *Cediscor*¹, alocado na Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3; o grupo de pesquisa Diálogo², vinculado à Universidade de São Paulo (USP) e ao CNPq; e a Universidade Górnyni, em São Petersburgo. A fim de promover o diálogo entre abordagens teóricas e metodológicas diferentes, no âmbito dos estudos discursivos, integrantes desses grupos de pesquisa se reuniram em um colóquio internacional, realizado na Universidade de São Paulo entre os dias 7 e 9 de novembro de 2017, em torno do tema *Análise dos discursos e comparação*. A publicação desta obra dá, portanto, prosseguimento a essa primeira colaboração ao materializar, com sucesso, de forma aprofundada, alguns dos mais importantes debates levantados durante esse evento científico³.

Os artigos publicados apoiam-se em três fundamentações teórico-metodológicas principais, a saber: a análise dos discursos contrastiva/comparativa⁴, o dialogismo de Bakhtin e seu Círculo e a Linguoculturologia russa. O eixo comum em torno do qual se orientam os diversos artigos é a temática da comparação no campo dos estudos discursivos, que é abordada sob diferentes ângulos, segundo a perspectiva teórico-metodológica adotada em cada uma das contribuições. Os autores, oportunamente reunidos neste livro, ilustram, assim, as suas “práticas comparativas” através de análises de discursos produzidos em línguas/culturas diferentes (francês/alemão, português/russo, francês/japonês, francês/português), ou em uma mesma língua, seja ela escrita por locutores provenientes de países distintos (inglês como *língua franca*) ou não.

¹ *Centre de recherche sur les discours ordinaires et spécialisés*, fundado em 1989 pela professora Sophie Moirand e hoje vinculado ao laboratório *Clesthia*, axe Sens et Discours: <http://www.univ-paris3.fr/sens-et-discours-312950.kjsp>.

² Fundado em 2015, o grupo de pesquisa Diálogo é atualmente liderado pelas professoras Sheila Vieira de Camargo Grillo (USP) e Dária A. Shchukina (Universidade Mineira de São Petersburgo): <https://dialogo.fflch.usp.br>.

³ O leitor interessado no assunto também pode consultar o volume 31, n. 3, da revista *Linha d'Água*, publicado em 2018, que reúne trabalhos em análise comparativa de discursos.

⁴ Os pesquisadores franceses utilizam o adjetivo “contrastiva” para caracterizar essa disciplina em desenvolvimento desde os anos 2000; os pesquisadores brasileiros preferem o termo “comparativa”, para evitar qualquer confusão com as análises estruturalistas.

Na introdução, intitulada “Comparaison, invariance et altérité” [Comparação, invariância e alteridade], as autoras Sheila Vieira de Camargo Grillo, Sandrine Reboul-Touré, Maria Glushkova e Flávia Silvia Machado, lembram que a comparação, no campo da Análise do Discurso, é uma prática, ao mesmo tempo, *antiga* e *nova*. De fato, apesar de não constar como verbete no *Dicionário de Análise do Discurso*⁵, a comparação foi, tradicionalmente, um método utilizado por inúmeros analistas para evidenciar o funcionamento de discursos; o livro de D. Maingueneau *Sémantique de la polémique* (1983) bem como os textos de Sheila Grillo *A produção do real em gêneros do jornal impresso* (2004) e *Divulgação Científica: linguagens, esferas e gêneros* (2013) são, assim, citados como exemplos de pesquisas que, em Análise do Discurso, valeram-se de procedimentos metodológicos de comparação para observar funcionamentos discursivos em relações polêmicas e/ou em diálogo. Ainda segundo as autoras, o uso de comparações em diversos trabalhos de Análise do Discurso é um modo fundamental de construção do conhecimento humano, que se realiza por meio de contrastes e semelhanças, capazes de revelar o funcionamento do discurso no interdiscurso e dividir espaço em uma mesma ou diferentes esferas de atividade humana.

As pesquisas desenvolvidas por alguns membros do *Cediscor* desde os anos 2000 evidenciam uma *nova* forma de aplicação da comparação nos estudos discursivos. A especificidade dos trabalhos desse grupo reside na realização de comparações entre discursos de línguas e culturas distintas a partir de conceitos da Análise do Discurso, da Linguística Textual e das teorias da enunciação. Nesse texto introdutório, as autoras chamam a atenção para o conceito de *tertium comparationis* – definido, pelos pesquisadores do *Cediscor*, como o invariante da comparação em torno do qual se articula o trabalho comparativo – que tem sido utilizado nos trabalhos efetuados pelos membros do grupo Diálogo com base nos conceitos e procedimentos metodológicos de Bakhtin e de seu Círculo. Ao percorrermos os diversos artigos reunidos neste livro, notamos que o *gênero de discurso*, por sua relativa estabilidade, ocupa, na maioria das análises, a função de *tertium comparationis*. Vários são os gêneros abordados na obra: livros didáticos de história, textos oficiais de educação fundamental, entrevistas de imprensa, correios eletrônicos, códigos de ética de empresas, discursos comemorativos de fundação de cidades, *blogs* e revistas de divulgação científica, conversações com cientistas na mídia. A contribuição de F. Rakotonoelina destaca-se das demais ao situar o invariante da comparação na instância de enunciação e no objetivo pragmático geral da comunicação institucional, que é o de informar e educar cidadãos.

Sobre o papel da comparação na teoria bakhtiniana, Grillo, Reboul-Touré, Glushkova e Machado, ainda na introdução, lembram que Bakhtin, em suas pesquisas acerca das obras de Dostoiévski e Rabelais, emprega procedimentos comparativos entre as literaturas de diversas partes do mundo e entre a literatura e outras esferas da cultura (o carnaval, por exemplo). Nessas análises, a significação das obras e de uma cultura é revelada por meio da distância temporal e

⁵ CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. (Orgs.), *Dicionário de Análise do Discurso*, São Paulo: Contexto, 2004.

especial entre obras e culturas, e os laços que unem uma obra a outros elementos do passado ou a outras culturas garantem a sua sobrevivência no futuro. As autoras também dedicam alguns importantes parágrafos à descrição dos precursores do comparativismo: a análise comparativa de línguas e a literatura comparada. São, assim, reexaminados os trabalhos de alguns estudiosos – W. von Humboldt, R. Lado, J.-P. Vinay e J. Darbelnet, A. Malblanc, F. Baldensperger, V. M. Zhirmunsky – cujas orientações podem iluminar as diferentes abordagens em análise comparativa de discursos.

O livro foi dividido em quatro partes, cada parte refletindo um aspecto da articulação entre Análise do Discurso e comparação. A primeira parte reúne três textos que tratam de questões teóricas e metodológicas relativas à comparação entre discursos em línguas e culturas diferentes. Na segunda parte, encontram-se dois artigos que estabelecem uma articulação clara entre língua e cultura, a partir de contribuições oriundas da análise “interpretativa” da cultura e da Linguoculturologia. Na terceira parte, estão reunidos cinco textos que abordam a comparação de discursos de transmissão de conhecimentos em torno da divulgação/vulgarização científica. Na quarta parte, são apresentados dois trabalhos que trazem à tona questionamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos sobre a comparação nos campos das Ciências da Linguagem e das Ciências Humanas e Sociais.

O artigo de Patricia von Münchow (Université Paris Descartes, EDA), “L’analyse du discours contrastive, un voyage au cœur du discours” [A análise do discurso contrastiva, uma viagem ao centro do discurso], inaugura a série de questionamentos teóricos e metodológicos reunidos na primeira parte do livro em torno da temática da comparação entre discursos em línguas e culturas distintas. Nele, a autora apresenta a “análise do discurso contrastiva”⁶, que ela situa no cruzamento entre a Análise do Discurso francesa e a Linguística Textual, inscrevendo-se ainda no campo das pesquisas contrastivas ou “transculturais”. O objeto de estudo dessa nova disciplina é, segundo von Münchow, a comparação entre diferentes *culturas discursivas*, noção, por ela desenvolvida, que compreende as manifestações discursivas das representações sociais que circulam em uma dada comunidade a respeito, de um lado, dos objetos sociais e, de outro, dos discursos produzidos sobre esses objetos. Portanto, a comparação, nessa perspectiva, não incide sobre diferentes línguas, como ocorre, tradicionalmente, na Linguística contrastiva, mas sobre as manifestações, em, pelo menos, duas comunidades diferentes, de um mesmo gênero discursivo. Apoiando-se nos trabalhos de J.-B. Grize (1996), a autora considera que um texto, oral ou escrito, é formado por marcas linguísticas de operações discursivas, que permitem ao analista (re)construir as representações discursivas por meio das quais é possível ter acesso às representações sociais de uma determinada comunidade. Assim, a comparação de documentos produzidos em línguas diferentes recai, não sobre as marcas linguísticas (que não podem ser objeto de comparação entre as línguas), mas sobre as operações discursivas (operações predicativas, enunciativas, de designação, de caracterização, de posicionamento no tempo e no espaço, de organização textual, etc.).

⁶ Perspectiva inicialmente designada, pela autora, de “linguística de discurso comparativa”.

Para ilustrar sua abordagem, von Münchow apresenta os resultados de uma pesquisa realizada sobre um *corpus* composto de manuais escolares de história franceses e alemães, em uso nestes países entre 2012 e 2014; a análise concentra-se sobre os capítulos que abordam a Primeira Guerra Mundial e tem por finalidade investigar a representação da guerra nesses livros didáticos. A autora mostra, em um primeiro momento, que os manuais franceses, através de mecanismos linguísticos (uso do passivo, utilização do sintagma “a Europa”) que tendem a apagar a presença dos atores reais da guerra, adotam uma visão “europeia” na representação desses acontecimentos, o que se explica pelo fato de que, no contexto atual em que a Europa tenta se constituir em unidade política, a posição de agressor, ocupada por um país que é hoje aliado, não deve ser colocada em destaque. Ao contrário dos livros franceses, os manuais alemães oferecem uma representação da guerra a partir de uma perspectiva “alemã”, que aparece discretamente (mediante verbos modais e modalidades) ou sem marcação linguística. Em um segundo momento, von Münchow elabora a análise a partir da noção de heterogeneidade intratextual, que se manifesta no interior de cada manual: nos manuais franceses, ela surge ocasionalmente quando o “agressor” alemão é mencionado, apesar de prevalecer a tendência a não indicar atores individuais; nos livros didáticos alemães, em alguns trechos, os europeus são apresentados de forma generalizada, como um todo coerente (*les/des Européens*), contrariando a imagem, mais frequente, de uma Europa composta por países distintos. Finalmente, segundo a autora, a heterogeneidade intratextual constitui uma noção central tanto no plano teórico quanto no plano metodológico: enquanto *ferramenta* para a análise, ela possibilita o acesso ao não-dito e ao pouco-dito, que são de grande importância na análise do discurso contrastiva, já que as representações mais compartilhadas e as menos contestadas em uma comunidade são também as que menos são ditas; enquanto *resultado* de análise, a heterogeneidade intratextual permite observar uma cultura discursiva na sua evolução, na sua dinâmica e, por fim, nas suas contradições, nem sempre explicitadas.

O segundo artigo, apresentado por Sheila Vieira de Camargo Grillo, “Fondements théorico-méthodologiques pour les analyses comparatives/contrastives des discours: les documents officiels de l’éducation de base au Brésil et en Russie” [Fundamentos teórico-metodológicos para as análises comparativas/contrastivas dos discursos: os documentos oficiais do ensino fundamental no Brasil e na Rússia], tem um objetivo duplo: delimitar o conceito de cultura na pesquisa e comparar as culturas educativas brasileira e russa por meio de documentos oficiais. Mais precisamente, o *corpus* é composto por documentos oficiais sobre o ensino da língua materna extraídos, no caso do Brasil, da Base Nacional Comum Curricular (versão de 2017) e, no caso da Rússia, do documento oficial denominado “Sobre a aprovação do modelo educativo do governo federal para o ensino fundamental geral”.

Considerando os trabalhos realizados por von Münchow sobre a noção de cultura discursiva e os estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin sobre a noção de cultura, Grillo propõe, nesse artigo, uma articulação entre as duas perspectivas teóricas. Segundo ela, as manifestações discursivas ou as materializações em enunciados e signos ideológicos das representações sociais (valores, crenças e significações) adquirem uma relativa estabilidade nos

gêneros. Grillo destaca, ainda, que os gêneros são produzidos sob a influência, os limites e as pressões das condições sócio-históricas, intermediadas pelas avaliações sociais dos participantes da interação discursiva, sendo eles também constitutivos e parte integrante dessas mesmas condições.

A fim de possibilitar a análise comparativa, a autora estabelece, como *tertium comparationis* da pesquisa, o gênero “documento oficial de educação”; segundo ela, o caráter nacional e unificador desses documentos torna-os instrumentos de expressão privilegiada das comunidades culturais e linguísticas brasileira e russa. Os resultados obtidos evidenciam diferenças importantes no ensino da língua e da literatura nesses dois países. De fato, a comparação mostra que a literatura tem mais força na Rússia do que no Brasil, já que a base curricular russa, diferentemente da brasileira, abre um espaço específico para o ensino das literaturas russa e mundial e para a análise literária. Além disso, nota-se que a representação da literatura não é a mesma: na base curricular brasileira, o caráter prazeroso da leitura de obras literárias é colocado em destaque, enquanto que, no documento russo, a literatura é concebida, antes de tudo, como um fator de identidade e de consolidação da cultura nacional. Outras diferenças foram identificadas no que diz respeito não somente à constituição multiétnica desses dois países mas também à influência das tradições linguísticas e literárias na concepção dos documentos oficiais de educação. No texto russo, há uma preocupação contínua em reafirmar o caráter multiétnico da sociedade russa, e a concepção da linguagem por ele adotada parece influenciada pela gramática e pela estilística. O texto brasileiro, ao contrário, pouco aborda a constituição multiétnica da sociedade, concentrando-se, sobretudo, na questão das desigualdades sociais; a presença importante das teorias sócio-interacionistas, multimodais e semióticas nos programas universitários desse país pode explicar a visão da linguagem como comunicação que aparece no texto.

O terceiro artigo, de Chantal Claudel (Université Paris Nanterre, MoDyCo), tem como título “Comparer des genres de discours en français et en japonais: questionnements théoriques et méthodologiques” [Comparar gêneros discursivos em francês e em japonês: questionamentos teóricos e metodológicos]. A autora apresenta uma análise comparativa dos gêneros “entrevista de imprensa” e “correio eletrônico” em francês e em japonês. Como aponta Claudel, a comparação entre gêneros provenientes de comunidades linguísticas distantes (aqui, França e Japão) exige ferramentas teóricas e metodológicas específicas, adaptadas aos dispositivos linguísticos em comparação. A autora toma como ponto de partida a noção de gênero discursivo, que, na sua visão, constitui o terceiro elemento da comparação: os dados em francês e em japonês foram, assim, agrupados a partir das características específicas dos gêneros “entrevista de imprensa” e “correio eletrônico”. Para abordar as entrevistas de imprensa nas duas línguas e culturas, Claudel recorreu à noção de figura, que ela define como uma categoria metacognitiva e transcultural; a análise dos *e-mails* em francês e em japonês organizou-se, por sua vez, em torno dos atos de linguagem relacionados com a cortesia linguística. Na conclusão, a autora retoma as três principais etapas de uma análise comparativa. A primeira diz respeito à seleção do *corpus*, que repousa sobre a noção de gênero discursivo como *tertium*

comparationis. A segunda etapa, dedicada à análise do *corpus*, deve ser precedida de uma reflexão sobre as categorias analíticas, que devem ser adequadas às línguas e às comunidades envolvidas na comparação. Na terceira etapa, voltada para a interpretação dos resultados da análise, as diferenças e as semelhanças entre as práticas discursivas são examinadas à luz de um gênero e/ou de uma cultura.

O quarto artigo, de Geneviève Tréguer-Felten (Université Sorbonne nouvelle, *Clesthia*), abre a segunda parte do livro, que aborda a questão da articulação entre língua e cultura, e tem como título “L’analyse du discours contrastive et les discours professionnels” [A análise do discurso contrastiva e os discursos profissionais]. O *corpus* é composto por documentos, redigidos em inglês como língua franca, e sua tradução para o francês, provenientes do código de ética distribuído por multinacionais que não pertencem a um país anglófono. Além das versões definitivas desses textos, foram acrescentados alguns documentos de trabalho, contendo traços de modificações realizadas por um comitê de leitura, bem como as cinco versões sucessivas do código em francês, da primeira versão feita por um tradutor profissional até o texto definitivo. Esses documentos são analisados a partir de um arcabouço teórico-metodológico que agrega reflexões em análise do discurso contrastiva e em análise interpretativa da cultura. Os resultados mostram que os contextos linguísticos e culturais de origem pesam na produção discursiva dos locutores, que, no entanto, têm a intenção de elaborar um documento único, contendo os mesmos objetivos. Assim, a autora observou diferenças nas relações entre a direção da empresa e sua equipe de pessoal, nas expectativas endereçadas aos funcionários e nos métodos empregados pela direção; essas diferenças levam Tréguer-Felten a distinguir dois universos profissionais: o universo profissional dos Estados Unidos, contratual, em que a hierarquia é assumida, e o universo profissional francês, que se caracteriza por uma horizontalidade (aparente), referências implícitas ao livre arbítrio e ordens individuais raramente claras.

No quinto artigo, denominado “*Linguoculturologie: la comparaison entre les langages et les cultures*” [*Linguoculturologia: a comparação entre linguagens e culturas*], Darya A. Shchukina, da Universidade Mineira de São Petersburgo, apresenta os trabalhos atuais efetuados por pesquisadores russos em Linguoculturologia, disciplina iniciada há dez anos que visa estudar o impacto da cultura sobre a língua e da língua sobre a cultura. Situada no cruzamento entre diversos domínios do saber – Comunicação, Linguística, Culturologia e Psicologia –, a Linguoculturologia pode ser compreendida como uma ciência da Filologia que explora as formas de representação da cultura material e espiritual de um povo por meio de sua língua. Para ilustrar essa nova disciplina, a autora apresenta os resultados de uma análise dos discursos produzidos sobre os aniversários de fundação das cidades de Riga e São Petersburgo. Nesse artigo, a comparação recaiu, sobretudo, sobre os topônimos, que foram abordados a partir de uma análise, ao mesmo tempo, etimológica, geográfica e histórico-cultural. Mas os objetos de estudo sobre os quais se debruçam os especialistas em Linguoculturologia são inúmeros: lacunas lexicais, unidades linguísticas mitológicas (arquétipos, mitologemas, costumes, crenças, rituais, etc.), reservas paremiológicas e fraseológicas da língua (provérbios, expressões, estereótipos), metáforas e imagens, entre outros.

LINHA D'ÁGUA

O sexto artigo, “Comparaison et catégories pour l’analyse du discours – L’exemple des blogs de vulgarisation scientifique” [Comparação e categorias para a análise do discurso – O exemplo dos blogs de vulgarização científica], apresentado por Sandrine Reboul-Touré, inaugura a terceira parte do livro, que reúne cinco contribuições em análise dos discursos de transmissão de conhecimentos. Esse artigo entra em diálogo com o texto seguinte de Flávia Machado: as duas pesquisadoras empreendem uma comparação de *blogs* de vulgarização/divulgação científica em francês, produzidos no contexto francês (S. Reboul-Touré), e em português, produzidos no contexto brasileiro (F. Machado), a partir de um modelo de análise semelhante, contendo algumas diferenças. No início do texto, Reboul-Touré discorre sobre a divergência terminológica entre os dois países: os brasileiros falam de “divulgação” científica, enquanto os franceses preferem o termo “vulgarização”, conotado negativamente no Brasil e em desuso nesse país desde o século XX, como assinala Machado. Essa diferença na denominação indica uma diferença na construção do referente nas duas línguas e culturas: segundo Reboul-Touré, a “divulgação científica” é mais abrangente no Brasil do que na França, onde a “vulgarização” incide, antes de tudo, sobre as ciências “duras”. Depois de esboçar o histórico da vulgarização científica na França e de sua análise no campo das Ciências da Linguagem, a autora propõe uma reflexão sobre as categorias linguísticas e discursivas para a análise dos discursos de transmissão de conhecimentos e, em especial, para a análise de novos objetos discursivos, como os *blogs* de divulgação científica. São elas: a *reformulação*, categoria situada entre a análise intralinguística e a linguística da enunciação; a noção de *heterogeneidade enunciativa*, cujas categorias provêm da linguística da enunciação; a noção de *hiperdiscursividade* e suas categorias situadas entre a enunciação e o interdiscurso; e, por fim, as noções de *comunidade etnolinguística* e *esfera de atividade languageira* (esta última, originária dos estudos bakhtinianos), ancoradas em uma linguística do discurso. Reboul-Touré destaca ainda que as especificidades do discurso digital exigem o reexame de algumas categorias e de alguns conceitos da Análise do Discurso. Ela cita, por exemplo, o caso da categoria da reformulação, que, no meio digital, é exteriorizada: a reformulação não mais ocorre no interior da frase, mas em um espaço virtual externo ao texto-fonte, acessível através de um *hyperlink*. Enfim, a partir de suas observações, a autora propõe a noção de “hiperdiscurso”, que compreende a rede de discursos constituída em torno de um *post* de *blog*, por meio de *hyperlinks* e por meio de ferramentas que possibilitam a publicação de comentários e o compartilhamento nas redes sociais.

No sétimo artigo, “Aspects de la divulgation scientifique dans les blogs brésiliens” [Aspectos da divulgação científica em blogs brasileiros], Flávia Silvia Machado, continuando o diálogo iniciado por Sandrine Reboul-Touré no texto anterior, apresenta uma análise dialógica de *blogs* brasileiros de divulgação científica, a partir de uma reflexão sobre as esferas ideológicas que lhes dão origem. Tomando como base a proposição de Grillo (2013) segundo a qual a divulgação científica pode ser definida como um tipo de relação dialógica em que a esfera científica entra em contato com outras esferas ideológicas, Machado identifica algumas diferenças entre os *blogs* analisados: o *blog* Mensageiro Sideral convoca, principalmente, as

esferas científica e jornalística; o *blog* Astronomia, mais heterogêneo, é constituído pelas esferas científica, do cotidiano e pedagógica; e o *blog* amador Universo do Astrônomo instaura uma relação dialógica direta entre as esferas científica e do cotidiano. A partir da teoria bakhtiniana, Machado reexamina as categorias estabelecidas por Reboul-Touré e observa, no *corpus* brasileiro, os mesmos fenômenos linguísticos e discursivos: a presença de relações dialógicas hipertextuais que são favorecidas pelo uso de *hiperlinks*; a presença de ferramentas de compartilhamento e de comentários; e, por último, a presença de reformulações que a autora apreende como manifestações de um discurso bivocal, atravessado por vozes da esfera científica e do autor do enunciado.

Urbano Cavalcante Filho (Diálogo GP/CNPq/USP, UESC e IFBA) é o autor do oitavo artigo, que se intitula “Traces de didacticité dans la vulgarisation scientifique: une analyse dialogique-comparative du discours de *Ciência Hoje* et de *La Recherche*” [Traços de didaticidade na divulgação científica: uma análise dialógico-comparativa do discurso de *Ciência Hoje* e *La Recherche*]. Nele, Cavalcante Filho propõe estabelecer uma articulação teórico-metodológica entre a análise dialógica do discurso, de perspectiva bakhtiniana, e a análise do discurso contrastiva, desenvolvida pelos pesquisadores do *Cediscor*, com o objetivo de analisar e comparar as marcas de didaticidade – fenômeno estudado, no primeiro número do *Carnets du Cediscor* (1993), por Moirand, Mortureux e Reboul – em enunciados de divulgação científica das revistas *Ciência Hoje* (Brasil) e *La Recherche* (França). As operações de didaticidade analisadas foram: a definição, a nominação, a exemplificação, a explicação, a pergunta ao leitor e a voz do especialista. Os resultados da comparação apontam para a presença de algumas configurações diferentes da didaticidade, que podem ser explicadas pelo grau de influência da esfera científica nas revistas, mais forte em *Ciência Hoje* do que em *La Recherche*.

No nono artigo, “*Philosophie Magazine* et *Filosofia Ciência & Vida*: un support pédagogique et un outil d’interprétation de l’actualité médiatique” [*Philosophie Magazine* e *Filosofia Ciência & Vida*: um suporte pedagógico e uma ferramenta para a interpretação da atualidade midiática], Daniela Nienkötter Sardá (Diálogo GP/CNPq/USP) apresenta os resultados da análise comparativa de “artigos de capa” publicados entre 2006 e 2016 nas revistas de divulgação da filosofia *Philosophie Magazine* (França) e *Filosofia Ciência & Vida* (Brasil). A abordagem teórico-metodológica adotada pela autora segue os princípios da análise do discurso contrastiva, e os módulos mobilizados, nessa pesquisa, são o módulo enunciativo, por meio da noção de relação de diálogo, desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, e o módulo semântico, para a análise dos temas apresentados nas capas e aprofundados em artigos ou dossiês no interior da revista. Os resultados obtidos mostram que as revistas de divulgação da filosofia assumem uma dupla função: elas representam, ao mesmo tempo, um suporte, no qual podem se apoiar alunos e professores, e uma ferramenta para ajudar o leitor na interpretação da atualidade jornalística. De fato, como assinala Sardá, a elaboração do conteúdo de *Philosophie Magazine* é influenciada pelo *baccalauréat*⁷, e parte do *site* da revista é dedicada a esse exame,

⁷ Grau universitário concedido na França após os exames que finalizam os estudos secundários.

podendo servir de base aos alunos que vão prestar a prova de filosofia; no caso de *Filosofia Ciência & Vida*, a autora nota que o discurso da revista é, antes de tudo, endereçado aos professores de filosofia: a publicação de cada número vem sempre acompanhada de um caderno especial para o professor. Enfim, as duas revistas abordam, com frequência, temas conjunturais, nacionais ou internacionais: nesse caso, a filosofia funciona como um instrumento para compreender questões atuais, como o problema das *fake news* e o da corrupção.

Maria Glushkova apresenta o décimo artigo, que tem como título “Une analyse comparative des conversations médiatiques avec des scientifiques: le manque d’eau au Brésil et en Russie” [Uma análise comparativa das conversações midiáticas com cientistas: a falta de água no Brasil e na Rússia]. Nele, a autora empreende uma comparação entre enunciados orais extraídos de entrevistas realizadas com universitários brasileiros e russos sobre o tema da falta de água. A entrevista com pesquisadores da Universidade de São Paulo ocorreu em outubro de 2014 no programa da TV Gazeta “Todo Seu”; a entrevista com dois pesquisadores russos, realizada em novembro de 2013, provém, por sua vez, de um programa da rádio Ékho Moskvyy [Eco de Moscou]. Os procedimentos teórico-metodológicos da comparação são elaborados a partir de uma articulação entre a perspectiva bakhtiniana e os trabalhos desenvolvidos em análise do discurso contrastiva. Os resultados obtidos apontam para uma concepção diferente da relação entre sociedade e ciência, que, no material russo, ocorre sob a mediação de uma autoridade governamental: os cientistas russos destacam a importância do tema da falta de água, mas sob o controle do governo; no *corpus* brasileiro, o problema é levantado pela sociedade, que procura uma explicação científica para a falta de água. Além disso, nota-se que o programa russo promove a concepção de uma sociedade ativa chamando a população para participar de ações coletivas no espaço público; essa visão não aparece no programa brasileiro, que aborda a sociedade de modo mais passivo, limitando seu papel à esfera doméstica. Enfim, a representação do papel desempenhado pela ciência, nos dois países, também difere. Na entrevista brasileira, esse papel é passivo: da ciência, espera-se, apenas, que ela explique as causas naturais da falta de água, relacionadas com os ciclos de chuva. Já na entrevista russa, a ciência produz a tecnologia que será implementada mediante políticas públicas.

A quarta e última parte reúne dois textos que apresentam comparações entre discursos em uma mesma língua, o francês. Ela inicia-se com o décimo primeiro artigo, de Sophie Moirand (Université Sorbonne nouvelle, *Clesthia*), “Des exigences théoriques de la comparaison aux contingences d’un corpus particulier: ‘immigrationniste’ dans un discours politique à vocation polémique” [Das exigências teóricas da comparação às contingências de um *corpus* particular: ‘immigrationniste’ em um discurso político de vocação polêmica]. Nesse texto, a autora retoma o fio que a conduziu a passar de uma linguística de discursos comparativa, baseada no estudo de dados interlinguais e intralinguais, a uma comparação entre os dizeres “representados” dos atores sociais na imprensa francesa em torno da campanha presidencial de 2017. Moirand inicia sua reflexão reexaminando um texto de 1992 que publicou com J. Peytard sobre os “quadros teóricos de uma linguística do discurso”. A partir dessa releitura, a autora traça a evolução dos estudos discursivos na França, com destaque para os trabalhos que se

desenvolvem atualmente no âmbito da semântica discursiva. Em seguida, Moirand empreende uma análise de discursos “representados” pela mídia, produzidos em contexto de campanha eleitoral, e provenientes de esferas de atividade linguageira diferentes: a esfera dos eleitores e as esferas política e midiática. A análise concentra-se, por fim, sobre as palavras que se formam por meio da junção dos sufixos *-isme/-iste* e, em especial, sobre a forma *immigrationniste* (também presente nos discursos de políticos e da imprensa durante a campanha para as eleições europeias em 2019), que parece agregar, no discurso a respeito dos migrantes, um valor polêmico. Segundo a autora, fragmentos de “discursos representados”, extraídos de seus cotextos e contextos iniciais, adquirem, assim, um sentido ou uma função diferente quando são retomados por comentaristas de imprensa em seus textos, ou truncados para “fabricar”, por exemplo, um título em um comentário ou um *hashtag* nas redes sociais.

O livro termina com o artigo “Comparer pour comprendre la communication institutionnelle: analyses discursives des logiques communicationnelles des campagnes d’information et d’éducation” [Comparar para compreender a comunicação institucional: análises discursivas das lógicas comunicacionais das campanhas de informação e educação], de Florimond Rakotonoelina (Université Sorbonne nouvelle, *Clesthia*). Inscrevendo-se em uma análise do discurso que articula *enuniação anglo-saxã* (Austin, Kerbrat-Orecchioni, Moeschler, Reboul), no tocante às funções dos enunciados, e *enuniação indicial* (Benveniste, Jakobson), no que se refere às relações interlocutivas, o autor busca comparar campanhas de informação e educação institucionais na internet, a partir das lógicas pragmáticas e enunciativas que caracterizam esse tipo de comunicação, que ele qualifica como “comunicação institucional com finalidade informativa e educativa”. Segundo o autor, um *site* reúne uma variedade de discursos e de gêneros para formar sua própria lógica comunicacional; o trabalho de comparação entre *corpora* heterogêneos, constituídos por temas e gêneros distintos, possibilita, assim, evidenciar regularidades discursivas que vão além dos temas e dos gêneros e que se situam em um nível superior, no nível comunicacional. De fato, os resultados da análise apontam para a presença de elementos transversais, que independem do tema abordado e/ou do público visado pela campanha. Rakotonoelina discorre, ainda, sobre o papel fundamental da comparação nas Ciências Humanas e Sociais; para ele, a comparação também está no centro da Análise do Discurso, de modo consciente ou não, já que a tarefa do analista consiste em evidenciar regularidades e variabilidades discursivas. Assim, ao comparar campanhas de informação e educação distintas (campanhas sobre o aborto, a luta contra o terrorismo, sobre a violência contra a mulher e a prevenção contra o alcoolismo), a partir dos seus *sites*, o autor mostrou a importância do método comparativo para a análise de discursos, mesmo quando estes são oriundos de uma mesma língua e cultura.

Os aspectos acima descritos mostram o interesse deste livro para professores e pesquisadores da área dos estudos discursivos que buscam realizar análises comparativas de discursos provenientes, ou não, de línguas e culturas distintas. Os estudiosos da teoria bakhtiniana também encontrarão, nesta obra, uma abordagem diferenciada da noção de gênero discursivo, que, no trabalho comparativo, adquire a função essencial de *tertium comparationis*.

Assim, a leitura dos artigos aqui reunidos proporcionará ao leitor interessado não somente ilustrações de práticas e análises comparativas mas também questionamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos indispensáveis sobre o papel da comparação nos estudos discursivos.

Para concluir, vale mencionar a importância desta coletânea para os estudos em comparação de discursos nos contextos científicos francês, brasileiro e russo. Na França, esta obra dá continuidade a publicações anteriores sobre o tema⁸, constituindo um passo a mais na consolidação da análise do discurso contrastiva como disciplina plena. Por sua vez, a publicação de trabalhos de pesquisadores vinculados a instituições brasileiras representa um avanço incontestável na pesquisa em comparação de discursos entre línguas/culturas diferentes, que, no Brasil, está em desenvolvimento. Na Rússia, a apresentação, realizada por Shchukina, de trabalhos em Linguoculturologia permite a difusão dessa nova disciplina entre acadêmicos franceses e brasileiros. Assim, ao reunir pesquisadores oriundos de comunidades de pesquisa distintas, este livro contribui para o diálogo profícuo em torno dos conceitos e procedimentos utilizados nos estudos comparativos. A apropriação da noção de gênero discursivo, escolhido como invariante da comparação por vários autores, ilustra, aliás, a importância desse diálogo ao mesmo tempo interdisciplinar e intercultural: a articulação entre a perspectiva bakhtiniana, formulada no Brasil, e a análise do discurso contrastiva, que surgiu na França, resultou na elaboração de um modelo teórico-metodológico de comparação em que o gênero exerce um papel central ao ser definido como um fator de (relativa) invariância entre discursos de línguas e culturas distintas. Por fim, vale destacar que a noção de cultura, que atravessa diversos artigos reunidos nesta obra, poderá ganhar, nesse intercâmbio de ideias e práticas analíticas, uma problematização renovada, voltada para o estudo dos mecanismos linguísticos e discursivos de sua realização.

⁸ O leitor encontrará no livro inúmeras referências a trabalhos realizados pelos pesquisadores franceses nessa área. Vale lembrar que a tese de doutorado de P. von Münchow em comparação de discursos em francês e em alemão foi publicada em 2004: *Les journaux télévisés en France et en Allemagne. Plaisir de voir ou devoir de s'informer*, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle. Em 2006, P. von Münchow e F. Rakotonelina organizam um número da revista *Les Carnets du Cediscor* dedicado ao tema: Discours, cultures, comparaisons. *Les Carnets du Cediscor*, Paris, n. 9, 2006.